



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 96

Garotas-propaganda

Moça: *Ei, ei! Você se lembra da minha voz?*

Branca Vianna: Bem-vindo ao o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. E a minha voz continua a mesma.

Moça: *Continua a mesma. Mas os meus cabelos... quanta diferença!*

Apresentador: *É que para eles existe shampoo Colorama.*

Branca Vianna: Talvez você seja jovem demais para conhecer esse anúncio dos shampoos Colorama, que fez muito sucesso nos anos 70... Mas, a julgar por uma enquete rápida aqui na equipe da Rádio Novelo – incluindo gente que nasceu no fim dos anos 90 – esse comercial é clássico o suficiente para ter sobrevivido às décadas.

Apresentador: *E para mais beleza, creme rinse Colorama.*

E eu acho que ninguém ia discordar de que o sucesso dele se deve principalmente à garota propaganda.

***Moça:** Quando os cabelos são lindos, tudo é lindo numa mulher!*

Quando a gente tava escolhendo o título desse episódio, a primeira memória que veio na minha cabeça foi ela: essa mocinha simpática cujos cabelos foram impactados pelo shampoo.

As duas histórias de hoje não têm literalmente a ver com publicidade – tem mais a ver com a propaganda no sentido de propagar, publicizar uma ideia. E de influenciar os sentimentos de outras pessoas. No primeiro ato, quem apresenta à gente um tipo bem diferente de garota propaganda é a Bia Guimarães.

ATO 1: AS CARPIDEIRAS

Bia Guimarães: Quando eu era criança, eu ficava entediada muito fácil. Eu e a minha vizinha, que era da minha idade e estava sempre lá em casa.

A gente inventava alguma brincadeira, aí enjoava dela rapidinho. Inventava outra coisa, enjoava de novo. E quando a gente já não tinha mais nenhuma ideia na cabeça, a gente ia encher o saco dos meus pais. "Estamos entediadas, fala alguma coisa para gente brincar".

E tinha uma hora que os meus pais também já não sabiam da onde tirar tanta ideia para sanar esse tédio crônico. Meu pai até começou a propor umas coisas esdrúxulas para ver se despistava a gente, tipo "por que vocês não brincam de cutucar o nariz uma da outra?". A gente caía na gargalhada, mas continuava entediada.

Só que teve um dia que a gente chegou para encher o saco dele e, para nossa surpresa, ele já tava esperando com uma carta na manga. Um estojo de saxofone na manga, na verdade.

É que meu pai estudava sax nessa época, e tinha um estojo de sax sobrando lá em casa. Era tipo uma maleta grande e preta, com formato de saxofone. Bem resistente por fora e bem acolchoada por dentro, para proteger o instrumento.

Meu pai abriu esse estojo no chão e falou todo animado "é um caixãozinho!".

Ele pegou uma boneca e colocou deitada lá dentro. "Agora vocês podem brincar de velório, é só vocês ficarem em volta dela chorando".

Foi m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o. Eu não lembro se a gente conseguiu chorar de verdade, mas a gente deu o nosso melhor.

Depois, claro, a gente enjoou da brincadeira e abandonou a pobre da defunta. Mas pelo menos deu para enterrar o tédio por um tempinho.

Aquele foi o primeiro – e o melhor – velório da minha vida.

Bia Guimarães: Eu lembrei desse dia quando eu ouvi a história que a Ana Luiza Riguetto veio me contar.

Ana Luiza Riguetto: Eu sou Ana Luiza. [...] Atualmente trabalho com comunicação, literatura...

Bia Guimarães: A história que a Ana Luiza me contou também tem crianças entregando tudo em velórios. Só que velórios de verdade.

Ana Luiza Riguetto: Quem me introduziu a essa história foi a Carol, que é minha namorada, ela conhece a Esmeralda.

Esmeralda Luiz da Silva: Me chamo Esmeralda. Vim de uma família lá do Pernambuco, bem humilde...

Bia Guimarães: A irmã da Carol – ou seja, a cunhada da Ana Luiza – já foi casada com o filho da Esmeralda. Foi assim que elas se conheceram.

Ana Luiza Riguetto: Ela falou: "ah, [...] tem uma história engraçada que ela e as irmãs já foram carpideiras. E elas gostam muito de falar sobre os mortos, de enterro. E isso virou meio que uma lenda, assim, entre as pessoas que conhecem elas". [...] Chamam de papa-defunto, tem toda uma coisa, assim.

Esmeralda Luiz da Silva: que a gente tinha essa profissão que era de ser carpideira. A gente era contratada – meu pai era contratado, que ele tinha sete filhos – e era contratado para gente chorar nos velórios. Aí ia eu e meus irmãos todos. Tanto que até hoje a família inteira gosta muito de um velório.

Bia Guimarães: Em meados dos anos 70, a família Luiz da Silva ia em peso – e a trabalho – nos velórios de Garanhuns e região. E, dos sete irmãos, quatro meninas se destacavam no ofício de chorar por desconhecidos.

Ana: Que são a Esmeralda, a Edinalva, a Erinalda e a Erisvalda.

Esmeralda: As melhores carpideiras.

Bia Guimarães: As meninas tinham mais ou menos entre 6 e 13 anos de idade naquela época. Hoje, a Esmeralda, que é a mais nova das quatro, tem 53 anos. E a Edinalva, que você vai ouvir agora, tem 60.

Edinalva Luiz da Silva: Chorava, chorava, chorava. E ganhava um dinheirinho para chorar, né? Porque não chorava de graça.

Esmeralda Luiz da Silva: Era meu pai que recebia o dinheiro e sustentava a gente por um tempo, né?

Bia Guimarães: Eu confesso que eu não sabia muita coisa sobre a profissão de carpideira antes da Ana me apresentar essa história. Mas eu tinha uma imagem na cabeça de mulheres mais velhas, vestidas de preto, chorando nos velórios e nos enterros. Eu nunca imaginei que crianças – da mesma idade que eu tinha naquela brincadeira lá com o estojo do saxofone – pudessem estar nessa cena. Além disso, a profissão de carpideira sempre me pareceu um daqueles ofícios perdidos no tempo.

Bia Guimarães: Por que alguém contrata uma carpideira ou uma família de carpideiros, assim? Elas contaram um pouco o que que leva uma família a falar "vou contratar essas pessoas para virem chorar aqui?"

Ana Luiza Riguetto: Então, o que elas me falaram [...] que as pessoas contratavam para mostrar que a pessoa que estava morta era querida, né. Às vezes, morriam pessoas muito ruins, assim, que as pessoas não gostavam muito, e eram até pessoas consideradas importantes, mas não tinha muita gente no velório.

Esmeralda Luiz da Silva: É muito triste, não tem ninguém que gostava, será?

Bia Guimarães: Às vezes, a pessoa que morreu nem era ruim, e até tinha gente no velório. Mas o pessoal não tava muito... *engajado* na despedida.

Edinalva Luiz da Silva: É porque tem enterro que é fraco, né?

Ana Luiza Riguetto: Como que é o enterro fraco?

Edinalva Luiz da Silva: Fraco, assim, porque a família não chora, a família está desanimada. A família está deixando o defunto lá aquém, como disse o outro, né?

Esmeralda Luiz da Silva: Meu pai falava assim para todas – para as mais velhas principalmente – tinha que chorar bastante, porque quanto mais a gente chorava, mas ele recebia por isso. Não era para estar ali só fingindo [...]. Tinha que chorar, as lágrimas cair, aquele choro como se a pessoa fosse muito querida. "Ah meu amigo, você é tão amigo da família, você foi tão bom".

Ana Luiza Riguetto: A senhora pensava em alguma coisa triste ou era só chegar lá e começar...

Esmeralda Luiz da Silva: Não, era só chegar lá as lágrimas começavam a cair [...] Olhava ali a pessoa no caixão e lágrimas já descia [...] Aí, se eles quisessem que a gente desmaiasse – até isso tinha – aí ele pagava mais e a gente desmaiava. Minhas irmã, que era mais velha, eu era mais nova, aí elas desmaiavam. E nem conhecia o morto. Na verdade, não tinha nada a ver com aquela pessoa.

Ana Luiza Riguetto: E elas tinham uma função ritual religiosa [...] que era mostrar um certo apreço social, ajudar o morto a fazer uma passagem, a iluminar a passagem do morto para uma outra vida.

Bia Guimarães: Dependendo do status do morto, o processo de embalsamamento dele podia vir acompanhado de uma espécie de marcha fúnebre. As carpideiras passavam lama ou terra no rosto e no corpo e marchavam pela cidade batendo no peito e chorando alto.

Ana Luiza Riguetto: E tinha essa, essa encenação, tinha uma importância dos gestos corporais dessas mulheres, que era o choro, a dramaticidade do choro, e tinha uma coisa assim dos cabelos compridos e sobre o rosto. [...] Simbolizava uma passagem, assim. [...] Depois elas tiravam o cabelo da cara e secavam as lágrimas dos olhos. E, enfim, elas tinham realizado esse trabalho, né.

Bia Guimarães: Se você tiver curiosidade de ver imagens das carpideiras do Egito Antigo, dá um pulo no site da Rádio Novelo. Lá também tem foto das irmãs Esmeralda, Edinalva, Erinalda e Erisvalda.

Ana Luiza Riguetto: E aí eles ficaram por muitos anos fazendo isso na infância e se mudaram de Garanhuns para o Espírito Santo.

Bia Guimarães: Quando as meninas eram adolescentes, a família se mudou para Piúma, no litoral do Espírito Santo. Elas deixaram de trabalhar e de ganhar dinheiro no ramo da morte, mas o gosto pelos velórios ficou. Para Esmeralda nem tanto, porque depois ela foi morar em São Paulo, e ela diz que lá as cerimônias são mais "frias".

Esmeralda Luiz da Silva: O pessoal é muito frio. Eu acho.

Bia Guimarães: Mas ela contou das três irmãs, que ainda moram em Piúma.

Esmeralda Luiz da Silva: Elas vão em todos lá. Uma avisa para outra e aí a outra já vai se arrumando para ir.

Edinalva Luiz da Silva: Houve uma época em que eu ficava até doente quando eu não ia visitar uma pessoa que morria. Eu gostava muito de ver, entendeu?

Bia Guimarães: Aqui é de novo a Edinalva. Por muito tempo, ela teve o costume de ir em todo velório que ela ficasse sabendo, mesmo sem conhecer o morto diretamente. Mas hoje em dia ela já não tem ido tanto.

Edinalva Luiz da Silva: A pessoa morreu, se eu puder ir eu vou, se não puder eu não vou. Eu hoje já tenho pena do sofrimento das pessoas, né?

Bia Guimarães: A Ana também foi atrás da Erisvalda, para saber como é que

andava a rotina de velórios dela. Elas chegaram a marcar uma entrevista, mas bem no dia...

Ana Luiza Rigueto: Ela me respondeu que tinha morrido uma pessoa na cidade [...] que ela estava muito ocupada com esse velório, que ela não ia conseguir me atender nesse dia. Falei "claro", né? Afinal de contas...

Bia Guimarães: Depois disso, as agendas delas se desencontraram, e a entrevista não rolou. Mas – ao que tudo indica, né? – ela continua frequentando velórios.

Só que tanto a Esmeralda quanto a Edinalva ficaram falando para Ana que, na verdade, ela tinha que conversar era com a outra irmã. A outra peça que faltava desse quarteto.

Esmeralda Luiz da Silva: Tem uma que eles chamam de "papa-defunto".

Bia Guimarães: A Erinalda.

Elas falaram que a Erinalda era a que mais gostava de tudo isso. Que a Erinalda sempre foi a mais carpideira de todas elas.

Esmeralda Luiz da Silva: Morreu alguém, ela vai atrás desse velório. Enquanto ela não vai no velório, não vai no enterro, ela não volta para casa. Até hoje ela é assim.

Bia Guimarães: Eram várias histórias sobre ela. Algumas bem... *curiosas*.

Edinalva Luiz da Silva: Ela fez uma brincadeira dentro da escola onde ela trabalha. Ela entrou dentro do caixão e ficou lá, fingindo que estava morta [ri].

Ana Luiza Rigueto: Que ela, quando ela viaja, ela prefere ir a enterro do que ir a pontos turísticos ou passear.

Esmeralda Luiz da Silva: Ela viajou pro Pernambuco [...], ela tem um álbum cheio de fotos de defunto, ela só tirava foto lá nos velórios.

Bia Guimarães: Quando eu e a Ana ouvimos esses e outros causos sobre a Erinalda, a gente ficou meio dividida. Por um lado, a gente achou engraçado e meio pitoresco saber de alguém que vai em tudo quanto é velório de desconhecido por vontade própria, sem nem ganhar dinheiro com isso.

Mas, por outro, a gente ficou se perguntando se a Erinalda não ficava triste com a perda dos outros.

Se isso para ela era uma diversão...

E se ela tinha desenvolvido uma relação fria com a morte. Se esse costume dela era normal.

Bom, também tinha a possibilidade das irmãs estarem só exagerando.

A Ana passou um tempo tentando marcar uma entrevista com a Erinalda. Parecia que ela não estava querendo falar.

Ana Luiza Rigueto: Alô?

Bia Guimarães: Até que finalmente ela topou.

Erinalda Luiz da Silva: Oi, minha filha, tudo bom?

Ana Luiza Rigueto: A primeira coisa que ela falou foi: "Oi, minha filha, quase que eu não te atendo porque eu tenho um velório hoje para ir".

Erinalda Luiz da Silva: Acredito que ainda vai dar tempo, que vai ser 5 horas.

Ana Luiza Rigueto: "Eu estou aqui no salão arrumando meu cabelo, que de tarde tem esse velório."

Bia Guimarães: Foi assim, na cadeira da cabeleireira, que a Erinalda contou para Ana a versão dela daquelas histórias. E, não, as irmãs não estavam exagerando.

Ana Luiza Rigueto: E a sua irmã Esmeralda me falou que você tem um álbum de fotografia de pessoas mortas.

Erinalda Luiz da Silva: Na estante da sala.

Bia Guimarães: O tal álbum de fotografias existe mesmo.

Erinalda Luiz da Silva: Porque eu ia em Pernambuco, nas minhas férias, em vez de eu ir passear, ver o rio ou visitar as pessoas, eu ia justamente procurar onde que tinha um velório. Para eu chegar lá e dizer assim "o meu pai conhecia esse homem..."

Bia Guimarães: O que, no geral, era mentira.

Erinalda Luiz da Silva: posso tirar foto?" [...] Eu tenho foto do meu pai morto. Eu tirei a pose, fiquei do lado para poder tirar foto.

Ana Luiza Riguetto: Aí ela falou: "ai, fica lá o álbum na minha sala, às vezes eu recebo visita e eu vou mostrar: 'ah essas aqui é o álbum que eu tenho'". E as pessoas não gostam de ver, né?

Erinalda Luiz da Silva: ... "não quero ver isso, não". "Mas o que é que tem? Vamos ver". Não quer ver, não. Aí eu pego e guardo. Eu gosto.

Bia Guimarães: Ela também contou outras histórias que ela mesma reconhece que podem ter passado do ponto.

Erinalda Luiz da Silva: Teve uma situação aqui que mataram um policial e eu fui lá no hospital ver [...]. Eu fiquei em cima. Empurrei o delegado, ele achou ruim comigo. Falei: "não, mas eu quero ver, eu preciso ver, que eu estou passando mal. Aí ele viu que...aí ele deixou eu entrar.

Erinalda Luiz da Silva: Entrei e chorei [voz embargada].

Ana Luiza Riguetto: Você sentiu o quê, alguma angústia, alguma coisa nesse sentido?

Bia Guimarães: Só que na medida que a Erinalda contava o que fazia ela querer estar perto dos mortos e ir nos velórios, mesmo de desconhecidos, a gente foi entendendo que a relação dela com a morte pode até ser curiosa, e pode até levar ela a fazer coisas que parecem questionáveis para as outras pessoas, como no caso do policial...A relação dela com a morte pode ser tudo isso, menos fria.

Erinalda Luiz da Silva: Eu passo a mão assim em cima do

caixão... aí vem aquele negócio por dentro. Aí vem o choro. Não tem como eu ir e não chorar, não, mesmo que eu não conheça.

Bia Guimarães: Não é um choro contratado, como era na infância. E também não é um choro fingido.

Erinalda Luiz da Silva: Igual essa menina que morreu hoje, fiquei com dó porque ela deixou a mãezinha dela, era só ela e a mãe. Mas, mesmo assim, aí veio aquele desejo de ir lá ver, de servir.

Bia Guimarães: De servir. Porque, na verdade, ao longo do tempo, a Erinalda deixou de ir nos velórios só para chorar ou para tirar foto.

Erinalda Luiz da Silva: Vou na padaria, compro as coisas e levo. Faço a mesinha. Quando morre alguém da igreja, da comunidade, eles ligam para mim e eu que tomo conta. "Ah, morreu um vizinho aqui." Aí eu já chego, já quero vestir a roupa. Inclusive, eu já vesti umas quatro pessoas que já morreu. [...] Eu me sinto bem de fazer isso.

Ana Luiza Riguetto: E então tem todo um trabalho ali em torno dos falecimentos que ela se ocupa com muita presteza, assim. Ela faz espontaneamente, como se fosse cabido e devido a ela, mesmo. E as pessoas da cidade começam a chamar ela...

Erinalda Luiz da Silva: Eles não estão preparados para perder. Então perdem, eles ficam desorientados. Eu oriento sobre ônibus, e o ônibus é de graça. Eu ligo para o homem da funerária.

Ana Luiza Riguetto: E aí a pessoa às vezes quer pagar, ela não quer receber, enfim. Tem toda uma coisa assim que já virou uma missão de vida para ela, assim.

Bia Guimarães: A Erinalda contou de uma família que ela ajudou um tempo atrás. Um dos filhos já tinha morrido, e anos depois morreu o pai.

Erinalda Luiz da Silva: E a família não sabia onde que estava o túmulo do filho. Eu falei assim "eu sei". Aí eu fui lá e mostrei para o coveiro, ele abriu e colocou o pai. Aquilo ali para eles foi uma coisa. [...] E para mim eu não fiz nada. Eu fiz apenas um gesto de cuidado. Que eles não iam ao cemitério, e eu ia todo ano na cova do filho

deles.

Bia Guimarães: Já faz muito tempo, desde a infância, que a Erinalda não é mais uma carpideira propriamente dita. Mas ela acabou virando mais do que isso. É como se ela tivesse se tornado uma espécie de doula na comunidade dela. Só que em vez de ajudar na chegada das pessoas, ela ajuda na partida. Em maior ou menor grau, as irmãs dela também viraram essas grandes conhecedoras de assuntos funerários, de tanto ir em enterros e velórios ao longo da vida.

Bia Guimarães: mudou alguma coisa na maneira como você pensa sobre a morte? Ou sobre esse ritual do nosso fim, das nossas despedidas?

Ana Luiza Riguetto: Eu acho que mudou [...]. Comecei a pensar nisso como uma etapa que precisa de fato de um cuidado, que eu acho que eu não pensava tanto nisso até ter conversado com as irmãs carpideiras. E saí um pouco dessa zona do riso para ficar achando bonito. [...] Eu fiquei achando que é importante ter alguém na comunidade, assim, na sociedade, que zela por quem morre também

Bia Guimarães: Ter alguém que zela por quem morre – porque como dizem as irmãs Luiz da Silva, não tem nada mais triste que um enterro sem gente ou sem choro –, mas principalmente ter alguém que zela por quem fica. Por quem está sem rumo, precisando decifrar as burocracias da morte, descobrir a linha de ônibus que leva para o cemitério, ou só de ajuda para passar um café.

Depois de ouvir as histórias das irmãs, eu deixei de pensar no ofício das carpideiras como uma coisa perdida no tempo. Primeiro porque é um costume que ainda existe aqui e ali, no interior do Brasil e também em outros países. E, segundo, porque deve ter outras pessoas por aí como a Erinalda e as irmãs dela. Pessoas que já não se chamam de carpideiras e que não são adeptas de grandes performances nem de cabelo na cara, mas que fazem a parte delas para deixar as despedidas menos frias. E, claro, que levam olhares desconfiados de quem não entende como alguém pode se sentir tão à vontade na presença da morte.

Ana Luiza Riguetto: O marido da Esmeralda, por exemplo, tem muito medo das irmãs da Esmeralda. Toda vez que ele está um pouco doente, ele pede para a esposa não falar para as irmãs que

ele está doente. Porque, enfim, ele tem medo de que elas "chamem" a morte dele.

Ana Luiza Riguetto: Você acha que as pessoas acham estranho esse gosto pela morte assim?

Erinalda Luiz da Silva: Muito estranho, muito estranho. Aqui então, no município, às vezes até me chamam a atenção, mas eu não me importo.

Ana Luiza Riguetto: Seu esposo, ele acha tranquilo, ele gosta de enterro também?

Erinalda Luiz da Silva: Ele não gosta, ele não gosta e não gosta muito que eu vou.

Bia Guimarães: A Erinalda disse que hoje em dia o marido já não implica tanto, que ele se acostumou. Mas que, de vez em quando, o filho dela se magoa de lembrar que a mãe deixava ele em casa para ir nos velórios.

Ana Luiza Riguetto: Então a senhora acabou sendo um pouco incompreendida um pouco... pelo filho e pelo marido.

Erinalda Luiz da Silva: Sim, sim, eu deixei um pouco a desejar... Mas eu não consigo consertar, não mais. Eu vou. Morreu, eu vou.

Bia Guimarães: Uma sobrinha da Erinalda chegou a pedir para ela se livrar daquele álbum com as fotos dos mortos.

Erinalda Luiz da Silva: Falou assim: "Tia, eu tenho desejo que você tirasse isso de dentro de casa, que faz mal". [...] Fui na onda dela e rasguei um pouco, mas me arrependi muito. Às vezes eu fico pensando: "Por que que eu fiz aquilo? Por que que eu rasguei?"]

Bia Guimarães: Nos últimos anos, ela começou a levar esse assunto para terapia. Porque ela mesma começou a se perguntar se tinha alguma coisa de errado com ela. Com a relação dela com a morte.

Ana Luiza Riguetto: Eu entendi que isso ainda é um conflito para ela. E que, ao mesmo tempo que ela procura ver como uma coisa normal, ela pensa assim: "não deve ser normal, todo mundo diz que não é".

Erinalda: Mas, para mim, é normal.

Bia Guimarães: “Normal” é sempre um conceito bem escorregadio, né? Se parar para pensar, em algumas culturas é super comum tirar e guardar fotos dos mortos. A gente às vezes estigmatiza a proximidade com a morte. Acha esquisito. Mas dá para pensar assim: o que é mais normal: viver a vida como se a morte não existisse ou abraçar essa realidade de uma vez?

OK, talvez a Erinalda esteja numa ponta desse espectro. Mas ela disse que a quantidade de velórios na rotina dela diminuiu. Em parte, por causa dessas dúvidas. Mas também por cansaço, mesmo.

Erinalda Luiz da Silva: Até porque eu também já estou com 57 anos, eu não estou aguentando muito ficar noites e noites igual eu ficava. Eu ficava a noite toda.

Bia Guimarães: O pessoal da cidade estranha quando ela não vai nos funerais. Depois de me contar essa história, a Ana Luiza me mandou uma peça protagonizada pela Marieta Severo e pela Andrea Beltrão.

Ana Luiza Riguetto: que são duas carpideiras, que chama "As centenárias".

Bia Guimarães: É uma peça escrita pelo Newton Moreno, tem a gravação inteira no YouTube. A história é bonita e engraçada ao mesmo tempo. Uma coisa curiosa é que, a princípio, a gente imagina que pessoas que passam a vida toda lidando tão de perto com a morte, a gente imagina que elas teriam uma certa naturalidade em lidar com a ideia da própria morte também. Mais do que ninguém, uma carpideira sabe que, para morrer, basta estar vivo.

Mas as personagens da peça vivem fugindo da morte.

Marieta: *Ela sai, nós chega. [...] Não quer encontrar a morte? Vai num velório.*

Bia Guimarães: Elas falam que não tem jeito melhor de escapar da morte do que seguindo os passos dela. Andando por onde ela acabou de passar, onde ela já cumpriu o papel dela. As carpideiras aqui da nossa história, as irmãs Luiz da Silva, são mais ou menos assim. Eu e a Ana, a gente estava crente que elas iam trazer alguma resposta sobre como lidar com o fim de um jeito mais leve. Mas foi o

contrário.

Quer dizer, menos a Esmeralda, que disse que não tem medo da morte.

Esmeralda Luiz da Silva: Normal.

Bia Guimarães: Mas a Edinalva tem, sim. Bastante.

Edinalva Luiz da Silva: Eu tenho medo da morte, fico caçando doença do meu corpo para poder eu não morrer. Eu quero a morte bem distante de mim. Quanto mais distante melhor. Deus me livre!

Bia Guimarães: E a Erinalda também.

Ana Luiza Riguetto: E ela falou: "Eu quase não falei com você, quase não te dei essa entrevista porque eu não gosto muito de falar sobre a minha morte, não gosto de falar sobre morte..."

Erinalda Luiz da Silva: E nem gosto de conversar porque eu tenho medo de acontecer alguma coisa comigo.

Ana Luiza Riguetto: Você acredita na vida eterna, Erinalda? Depois da morte?

Erinalda Luiz da Silva: Sim, acredito.

Bia Guimarães: Ela é católica, só para constar.

Erinalda Luiz da Silva [cont.]: Aqui é só uma passagem, né? Mas eu não queria passar, eu queria ficar. Eu queria uma vida eterna aqui na Terra para poder ir nos velórios do povo e cuidar do povo. Eu não queria morrer, não, não queria. Eu tenho medo. Eu tenho que tratar esse medo. Eu tenho que me aprofundar mais sobre a morte, porque eu não... Menina, até esqueci que eu tenho que voltar pro salão para lavar o cabelo.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Ana Luiza Riguetto e pela Bia

Guimarães.

A segunda história do episódio de hoje não se passa num velório – mas, por coincidência ou não, a ela começa com outra criança flertando com a morte. Dessa vez, sem um caixãozinho de brincadeira – mas com um acessório quase tão chamativo quanto.

Aqui, a Natália Silva.

ATO 2: O CIGARRINHO

Natália Silva: Mãe, eu queria te perguntar do negócio de quando eu era criança.

Sueli Silva: Ai, Natália... você tinha umas coisas que a gente só rindo mesmo.

Natália Silva: Que que eu falava? Eu falava que eu queria fumar?

Sueli Silva: Você fala assim: "Mãe, eu quero que você compre cigarrinho".

Natália Silva: Eu tinha desejos peculiares aos 4 anos de idade. E, de vez em quando, minha mãe tinha uma certa dificuldade em me dizer não.

Sueli Silva: Você era pidona.

Natália Silva: Pidona?

Sueli Silva: Não adianta falar: "na volta eu compro".

Natália Silva: Eu era mais difícil do que isso de enrolar. Quando eu enfiava uma coisa na cabeça, eu repetia que queria aquilo até vencer pelo cansaço. Talvez eu seja meio assim até hoje, não sei... mas, enfim. Foi assim com o cigarro. Com o cigarrinho.

Natália Silva: E era uma maço? Porque que não lembro. Eu lembro do gosto.

Sueli Silva: Era um macinho. Era um macinho.

Natália Silva: Depois de eu pedir muito, um dia... eu ganhei o tal macinho de cigarro. Não cigarro de verdade, calma. Eram os anos 90. Mais para o fim, entre 98 e 99. E, nessa época, eu morava na Alemanha com a minha família por causa do trabalho do meu pai. Minha memória nunca foi muito boa com imagens, mas com cheiros, gostos e sensações, sim. Tanto que, até hoje, dos anos que a gente passou morando lá, eu lembro muito do frio... e do cigarro – cigarro de verdade.

Sueli Silva: Ah... eu acho que eu sei por quê.

Natália Silva: Ahn.

Sueli Silva: Porque a gente ia nas festas das cervejarias da Alemanha, e lá era um cheiro de cigarro lascado. Você entrava lá e saía defumado. Era uma coisa doida. Porque todo mundo fumava lá e o ambiente era fechado. Naquela época, não era proibido fumar em ambiente fechado. Agora é, né?

Natália Silva: Entre os defumados, tava eu. Viciada em outra droga.

Sueli Silva: E você... adorava uma coca-cola. Você já chegava e falava: "Mãe, hoje eu vou poder tomar coca?"

Natália Silva: A minha foto de infância mais clássica tem, justamente, uma coca. Eu tô sentada com os bracinhos apoiados numa mesa, com uma lata na minha frente, que parece gigante. Mas é só porque eu ainda era bem pequena. Outra lembrança dessa época é o tal cigarrinho.

Era uma maço de cigarros de chiclete, na verdade. O nome em alemão era Kaugummizigaretten. Kaugummi é goma de mascar. Zigaretten... você já sabe. Tinha um parecido aqui no Brasil, só que era feito de chocolate¹.

Ao contrário da lata de Coca-Cola, os cigarros e o maço eram proporcionais ao meu tamanho.

Minha mãe conta que eu vi uma amiga minha, uma outra menina brasileira que

1

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2023/02/13/adeus-a-pan-de-cigarrinho-a-lapis-lembram-esses-produtos-inesqueciveis.htm>

também morava lá, com o tal macinho. E comecei a pedir, pedir, pedir... até ela comprar.

Sueli Silva: [Risos] E você fazia assim... como se você tivesse fumando.

Natália Silva: Ahn...

Sueli Silva: E um dia, a gente falando lá... aí você falou assim para mim: "Ah, quando eu crescer, eu vou fumar". Aí eu olhei assim e falei: "Nossa, eu tô incentivando ela...". Aí eu peguei e falei: "Não. Não compro mais não".

Natália Silva: Entendi. E você lembra por que eu falava que eu queria fumar?

Sueli Silva: Ah, você achou bonito. Eu falei: "Não, mas não tem nada de bonito em fumar". Você falou assim para mim: "Tem, sim".
[risos]

Natália Silva: [Risos] E aí você tentou me convencer? O que você fez?

Sueli Silva: Aí eu expliquei para você que o cigarro fazia mal... mas você era tão pequeninha que eu falei: "vai entrar por um ouvido e sair pelo outro".

Natália Silva: Por mais que eu tenha "fumado" vários cigarrinhos... eu nunca fumei um cigarro de verdade. Eu cheguei a botar um na boca. Menta... eu lembro do gosto. Só que aí, quando eu estava indo acender, apareceu uma barata gigantesca no chão – e eu tomei aquilo como um sinal.

Eu lembrei do porquê de eu ter chegado até ali... nos meus 20 poucos anos, com repulsa a cigarro.

E não foi por causa do discurso antitabagista da minha mãe.

Só para te avisar, eu vou fazer um monólogo... porque esse é um assunto que desperta isso em mim. Quando eu tinha uns 17 anos, eu comecei a namorar um rapaz. A mãe dele foi uma das pessoas mais marcantes que eu conheci. Ela entrava num lugar e parecia que a luz tinha mudado de direção. Ela tinha um

cabelo loiro super cheio e um olho verde igual ao do filho dela.

Ela era linda, engraçada, ria alto, falava muito palavrão... adorava beber água "estupidamente gelada", como ela dizia. E ela fumava. Muito. Dois maços de cigarro por dia. Há vários anos. Ela tinha 50 e estava fumando desde os 20 e poucos.

Não deu nem três meses que eu estava namorando com o filho dela, e ela foi diagnosticada com um câncer na bexiga... que é um câncer associado ao tabagismo.

Quando os médicos começaram a investigar mais, eles viram que o câncer já tinha se espalhado para o intestino. E pro pulmão. Ela fez algumas cirurgias, passou por várias sessões de quimioterapia, mas a doença era muito agressiva.

Eu passei aquele primeiro ano de namoro indo pro hospital com alguma frequência.

Eu era uma espectadora ali... e eu prestei muita atenção.

Eu lembro do cheiro do hospital. Do barulho das máquinas dos outros pacientes. Do som da estática das TVs penduradas na parede. De como ela detestava ficar lá.

O cabelo dela foi caindo. Ela perdeu peso. Falava baixo. Não ria mais.

E aí... um dia, o filho dela me ligou dizendo que era hora de ir pro hospital para me despedir.

Eu estava no cursinho. Era o ano em que eu estava prestando vestibular para jornalismo.

Eu fui com a minha mochila cheia de livros, sentei do lado dele, do lado da cama dela, e fiquei bem quieta.

Ele perguntou se eu queria dizer alguma coisa para ela, mas eu não sabia o que falar.

O que eu mais lembro é de pegar na mão dela. E que estava fria. Ela morreu no dia seguinte.

Eu passei na USP logo em seguida. Foi um ano bem agridoce. Eu estava feliz por uma vida nova que estava começando para mim, mas eu tinha acabado de testemunhar uma das coisas mais tristes que eu vi na vida até hoje.

E era dela que eu lembrava cada vez que eu via os meus novos amigos – muitos dos quais viraram meus grandes amigos – fumarem o primeiro cigarro.

Eu tinha visto o fim mais provável para aquela história que parecia estar começando de novo ali, na minha frente. E eu ficava pensando quem, dali uns anos, ia viver na pele aquilo que eu vi.

Eu lembro dela, da mãe do meu namorado, dizer, já muito debilitada, que ela se arrependia de ter começado a fumar. Como a maioria se arrepende... tem uma pesquisa sobre isso, inclusive. Saiu em 2014². 87% dos fumantes brasileiros se arrependem do hábito. Do vício.

Quando me ofereciam cigarro, eu sempre dizia não.

"Não, eu não fumo".

"Sim, a fumaça me incomoda".

"Vem cá, você sabe que fumar faz mal né?"

Eu aceitei só uma vez. Aquele dia da barata gigante. Eu estava na casa de uma amiga que fumava... tinha mais uma outra garota, que também ia fumar. E aí elas ficaram falando "Vai, experimenta! Só uma vez."

E... realmente, podia ter sido só uma vez. Ou uma coisa casual. Tem gente que só fuma quando bebe, quando tá com outras pessoas que fumam.

"Mas... e se eu viciar?"

Eu vou ficar a vida inteira refém desse negócio?"

E aí... a barata apareceu. E eu devolvi o cigarro para o maço.

Até ali, a minha rejeição ao cigarro era mais empírica – pelo que eu vi acontecer na minha frente com a mãe do meu namorado. E eu achava que eu já sabia muito... mas não. Eu tenho umas obsessões de vez em quando. Meu melhor amigo chama de "monotema".

E o cigarro foi um deles. Eu gastei um tempo considerável da minha vida tentando entender o cigarro. Principalmente a questão de quando foi que a gente descobriu que ele fazia tão mal. E o que aconteceu a partir daí.

² <https://actbr.org.br/post/no-pais-87-se-arrependem-de-ter-comecado-a-fumar/15689/>

Dá para dizer que essa história começou num dia de dezembro de 1953. Naquela época, a conexão entre o tabagismo e o câncer já estava estabelecida em várias pesquisas científicas há um tempo, mas só começou a sair na imprensa nessa época. No começo dos anos 50. E o que a indústria do tabaco fez quando isso aconteceu foi... uma reunião.

No dia 15 de dezembro de 53, os presidentes das quatro maiores empresas de tabaco dos Estados Unidos – que era o país que liderava esse mercado – se reuniram num hotel em Nova York. Não com um médico. Não com um especialista em redução de danos. Mas sim... com o fundador de uma grande agência de relações públicas.

Quem descreve essa cena é a Naomi Oreskes e o Erik Conway no "Merchants of Doubt" – Mercadores da Dúvida –, um livro que sei lá por que ainda não foi traduzido pro português.

No livro, eles contam que a ideia que o cara de relações públicas teve foi genial: usar o que estava arranhando a imagem do cigarro para ajeitar a imagem dele. Quer dizer: usar a ciência contra a ciência.

Ele aconselhou as empresas de tabaco a financiarem pesquisas que comprovassem que o cigarro não fazia mal. Sim, tem cientista que se submete a fazer pesquisa totalmente enviesada para provar o ponto de quem tá pagando.

Os presidentes das empresas falaram: "mas precisa disso? Não é mais fácil – e mais barato – só espalhar informação falsa mesmo?"

Eles sabiam que o cigarro fazia mal... mas aí que está o truque.

O cara queria que eles plantassem – e plantassem muito bem – a dúvida.

Tem uma pesquisa dizendo que cigarro causa câncer de pulmão? Olha essa outra aqui dizendo o contrário... que alguns fumantes nunca têm câncer.

E, desde então, muitas outras indústrias seguiram essa mesma cartilha. A indústria do álcool, dos agrotóxicos, dos ultraprocessados, a dos combustíveis fósseis...

Enquanto as pessoas têm dúvida se alguma coisa que elas consomem faz mal ou não, elas não param de consumir. Ainda mais se elas sentem que o produto traz alguma coisa de bom para elas. Algum prazer, por exemplo... na dúvida, por que não?

E aí que entra a segunda parte do plano.

Fazer com que mais pessoas tenham vontade de experimentar o produto. A indústria do tabaco só precisava manter a porta aberta.

Porque o produto é bem viciante. Uma vez atravessada essa porta... a chance de estadia é muito alta.

É muito raro fumar e não ser dependente da nicotina... Estou falando... foi genial essa saída.

A indústria começou a financiar pesquisas colocando em dúvida o vínculo entre tabagismo e câncer. Apontando para outras causas. Convencendo médicos, políticos e o público em geral de que não era bem assim. "Pode ser que o cigarro não seja tão ruim."

E a existência dessa dúvida fabricada obrigava os jornalistas a ouvirem "os dois lados". A continuar dando espaço para uma mentira.

Uma dessas dúvidas, que me deixou chocada... é uma coisa que eu acabei de falar aqui como se fosse conhecimento público. Que hoje todo mundo sabe. Que é: que a nicotina é viciante. Mas eu descobri que até os anos 90, a indústria negou isso³. Usando aquela mesma estratégia... de dizer que as evidências científicas não eram suficientes.

Depois desse mergulho, eu passei a tentar convencer as pessoas a não fumarem.

A ponto de virar piada entre os meus amigos. "Lá vem a Natália..." E eu sei o que você deve tá pensando: "nossa, que garota chata". E sim... eu sou chata com isso mesmo. Eu tenho um bom motivo. Mas, em minha defesa, minha campanha antitabagista sempre foi bem direcionada.

³ <https://publishing.cdlib.org/ucpressebooks/view?docId=ft8489p25j;chunk.id=0;doc.view=print>

Para os meus amigos. Para quem queria conversar comigo enquanto fumava um cigarro. Pô, se eu estou respirando a sua fumaça, nada mais justo do que você engolir meu sermãozinho, vai.

Mas... eu me vi forçada a encampar uma defesa mais pública – e ampla – num dia que eu vi uma coisa meio... inacreditável acontecer.

Eu estava vivendo a minha vida e, um dia, mexendo no Instagram... era final de 2021, eu vi uma postagem da atlética da minha faculdade. Eu já tinha me formado e nem ia mais nas festas, mas eu parei para ler uma postagem sobre uma festa que ia ter. Dizia que música ia tocar, quem eram os patrocinadores, os drinks que iam tá no bar... e que ia ter "open de palheiro". Tipo "open bar"... só que de "palheiro". Tipo... cigarro de palha.

Eu lembro que eu pensei: oi? Não é possível.

"Não é possível que isso seja legal. Deve ter... tem que ter algum tipo de lei no Brasil proibindo isso." E tem. Uma lei do ano 2000⁴, que proíbe a distribuição de qualquer tipo de amostra ou brinde de "produtos fumígenos". E impede também o patrocínio de eventos culturais ou esportivos por marcas de cigarro.

Estou falando que eu gastei tempo com isso...

Eu fui reclamar com a atlética na hora. Ali no Instagram, mesmo. Escrevi nos comentários que o que eles estavam fazendo era vetado por lei, que não podia, que cigarro fazia mal, onde já se viu distribuir cigarro...

E aí uma pessoa da atlética me respondeu, dizendo que eles iam avaliar o caso. E ela me disse uma coisa que me deixou mesmo com uma pulga atrás da orelha.

Ela disse que o consumo do cigarro, assim como de bebidas alcoólicas, só tava liberado na festa para quem comprasse ingresso. Que a distribuição não era gratuita.

⁴ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9294.htm

E realmente... não é. Mas a minha questão não era com o dinheiro. O problema era a banalização do consumo... e me pareceu, ali, que ser "open" era o ápice dessa banalização.

Só que aí, quando ela colocou nesses termos, eu me dei conta de uma coisa: eu nunca tinha reclamado de open de bebida. E álcool também faz mal, vicia, dá câncer, mata... não só quem bebe, mas terceiros também. Em acidentes de trânsito, em episódios de violência... só que, apesar de tudo isso, é uma droga ainda mais socialmente aceita que o cigarro, né?

Open bar já é uma coisa naturalizada. Ainda mais no ambiente universitário.

Mas para um segundo pra pensar. Não faz sentido você ter acesso ilimitado a uma coisa... que, em tese, você deveria evitar.

Depois que eu enchi o saco da atlética, eles deletaram a publicação, e eu acho que, nessa festa, acabou não rolando o open palheiro. Mas, depois disso, teve. Na atlética da minha faculdade e na de várias outras.

Inclusive, esse ano a Agência Pública soltou uma reportagem⁵ grande sobre isso, está lá no post desse episódio no site da Rádio Novelo. E uma coisa que eu não sabia, e que a Pública revelou, é que as atléticas das faculdades estão sendo procuradas por marcas de cigarro para fazer esse tipo de ação.

Elas enviam os cigarros já enrolados ou o tabaco solto para ser enrolado depois em troca de seguidores em redes sociais. Em outros casos, o open cigarro é feito por tabacarias que patrocinam a festa ou que fazem parcerias.

Desde 2021, foi ficando cada vez mais normal ver isso acontecer. As pessoas tão, pouco a pouco, naturalizando isso também. E não adianta dizer: "ah, bebe quem quer", "fuma quem quer"... porque não é tão simples assim.

5

<https://apublica.org/2024/03/cigarros-gratis-por-novos-clientes-empresas-bancam-open-paiol-em-festas-universitarias/>

Imagina... você pagou o ingresso. Só que você não pagou só para estar ali. Você pagou para beber... então você tem que beber para o preço valer a pena. E beber o quanto der, para o custo benefício aumentar.

Essa questão da disponibilidade é bem importante para diminuir o impacto desses produtos prejudiciais à saúde. Está muito claro na literatura científica que diminuir a disponibilidade diminui também o consumo.

Esse exemplo das festas open é extremo, mas ele é simbólico para gente pensar como o grau de esforço que a gente tem que fazer para consumir um produto influencia o nosso consumo.

E em "esforço" a gente pode encaixar muita coisa. O quão perto a gente está dum produto. O quão socialmente aceito é o consumo. Mas, principalmente, o quanto ele custa. O quanto do nosso tempo, do nosso trabalho, ele custa.

Se você tivesse que pagar cada bebida e cada cigarro consumido, você certamente ia consumir menos. Eu confesso que eu realmente só parei para pensar sobre o open de bebida depois do open de cigarro... mas eles são igualmente problemáticos.

E eles já custam muito para a gente coletivamente.

Todo ano, o SUS gasta 67 bilhões de reais com doenças ligadas ao tabagismo⁶.
Sim... bilhões.

Internações relacionadas exclusivamente com o consumo excessivo de álcool custam, em média, 91 milhões de reais por ano⁷.

Tem um estudo do INCA, o Instituto Nacional do Câncer, que estimou que em 2030 os casos de câncer ligados ao álcool vão custar 203 milhões de reais para o SUS.

⁶ <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-do-tabagismo/custos-atribuiveis-ao-tabagismo>

⁷ [https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/0/Boletim_Consumo_Alcool_Adulto_2023_vfinal_22122023.pdf/9db91130-495b-00da-f1b5-459419e0ff7d?t=1703331220456#:~:text=Dados%20do%20Sist%20de%20Informa%C3%A7%C3%B5es.reais%20\(BRASIL%2C%202022\)](https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/0/Boletim_Consumo_Alcool_Adulto_2023_vfinal_22122023.pdf/9db91130-495b-00da-f1b5-459419e0ff7d?t=1703331220456#:~:text=Dados%20do%20Sist%20de%20Informa%C3%A7%C3%B5es.reais%20(BRASIL%2C%202022))

Só o câncer, fora as outras doenças.

Essa discussão de custo está muito na minha cabeça porque tudo isso tá em pauta na reforma tributária que está rolando agora no Congresso.

Os lobistas de bebida alcoólica estão se estapeando para ver quem consegue a taxaço mais baixa, e os lobistas do cigarro estão brigando para manter o maço no precinho.

Essas empresas que vendem esses produtos, além de estarem pleiteando para pagar menos imposto, não estão pagando essa conta gigantesca que elas tão mandando para o SUS.

O lucro delas é privado, mas o prejuízo é dividido entre todo mundo. Quem fuma e quem não fuma. Quem bebe e quem nunca botou uma gota de álcool na boca.

É um desses absurdos que a gente naturalizou...

Tem coisas que, com o tempo, com o aprendizado e com um acesso maior a informação, a gente entende que não faz sentido.

Eu achava bonito fumar, lembra? Tinha maço de cigarro tamanho kids.

Em 2022, a Anvisa proibiu o comércio e a produção de alimentos em forma semelhante à do cigarro e à de charutos. Mas os cigarrinhos de chocolate já não eram mais vendidos fazia tempo... a marca tinha transformado eles em lápis de chocolate. Porque em algum momento deixou de ser socialmente naturalizado vender cigarro de mentira para criança.

Caiu a nossa ficha do que essa disponibilidade, dessa banalização.

Eu fiquei pensando no que minha mãe disse sobre como ela se assustou quando ela descobriu que eu achava bonito fumar.

A narrativa de incentivo ao tabagismo estava toda ali, em volta dela. Mas foi só

quando eu falei com todas as letras que fumar era bonito que ela percebeu o que estava acontecendo. Que eu tinha captado a mensagem. Eu ainda não sabia a história completa. Que, sim, as pessoas fumam, mas que isso pode ter consequências gravíssimas.

Eu só captei o que estava ali, no nível dos meus olhos. Adultos com um cigarro pendurado entre os dedos, deixando a fumaça vir bem na minha direção. O cigarrinho feito sob medida para crianças como eu.

Eu acho que é também por isso que o open de cigarro me incomodou tanto. Porque eu sei como essa naturalização, essa onipresença do cigarro é perigosa.

Mas me incomodou também porque eu percebi o quanto eu mesma caí nisso de novo. Eu naturalizei o consumo sem freio do álcool porque... “ah, faz parte da juventude, né?”. Beber até passar mal. Acordar de ressaca todo fim de semana. Não conseguir se divertir se não tiver uma bebida por perto.

Percebe como é fácil?

Se você vê uma coisa o tempo todo... uma hora, você deixa de prestar atenção. Vira quase um... fato. Uma coisa dada. Que faz parte da vida.

E uma vez que você começa a perceber o quanto a indústria se esforça para banalizar coisas que fazem tão mal, que custam tão caro para a gente, individualmente e coletivamente... é impossível desver.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva.

Essa história foi produzida com apoio da ACT, organização que atua na promoção e defesa de políticas de saúde pública, especialmente nas áreas de controle do tabagismo, do álcool, e promoção da alimentação saudável e atividade física. Você encontra mais sobre a ACT no site: actbr.org.br

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Agora você pode ir para a página do episódio no site da Novelo para ver fotos da Esmeralda, da Edinalva, da Erinalda e da Erisvalda, e também gravuras de carpideiras no antigo Egito.

(A gente vai ficar te devendo as fotos dos defuntos do álbum da Erinalda.)

No post, também tem links das referências da história da Natália, para quem quiser se aprofundar no mundo dos mercadores da dúvida.

Quando você estiver lá no nosso site, aproveita para assinar a newsletter do Rádio Novelo Apresenta, que chega toda quinta-feira.

Fica o convite também para seguir o Rádio Novelo Apresenta na plataforma onde você está ouvindo esse episódio: se inscrever no canal da Novelo no YouTube, seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, favoritar na Deezer, tudo isso aí.

Também dá para deixar um comentário sobre o episódio, tanto nas nossas redes, quanto na Apple ou no Spotify.

Para falar com a gente, é só marcar @radionovelo no Instagram, no Threads, ou no Bluesky, ou mandar email para o apresenta@radionovelo.com.br.

—

Branca Vianna: O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A Natália Silva é editora executiva.

Nossos repórteres e roteiristas são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel, a Carol Pires, a Bárbara Rubira, e a Carolina Moraes.

A Ashiley Calvo é produtora.

A checagem deste episódio foi feita pela Caroline Farah e pelo Bruno Lima. O desenho de som desse episódio é da Bia Guimarães e da Paula

Scarpin. A mixagem é da Bia Guimarães e da Júlia Matos.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa coordenadora executiva é a Lara Martins, a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira, e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.